



AS FRONTEIRAS DO CRER*

Eliana Cristina Caporale Barcellos¹

Resumo

A proposta prevê uma incursão sobre a temática do Crer e suas fronteiras. Em geral, ele possui uma reflexão teológica, no entanto uma análise sociológica se faz pertinente, uma vez que se tem intenção de abordar a escola como um dos espaços do crer. Nesse sentido, o trabalho perpassa alguns conceitos que se tornam relevantes para a pesquisa. A metodologia aplicada será uma revisão de dados bibliográficos. Essa discussão é parte integrante da dissertação de mestrado da autora.

Palavras-chave: Crer. Diversidade cultural. Diversidade religiosa.

Considerações Iniciais

A humanidade, no decorrer da história, tece suas relações com base no crer teológico, mas não exclusivamente nesse, percebe-se que a dimensão sociológica do crer também se faz presente. Segundo Preiswerk, uma crença pode ser definida como “a adesão a opiniões, valores ou pessoas independentemente de qualquer verificação empírica”² (tradução nossa).

Habitualmente hierarquiza-se conceitualmente o crer à religião, como se a essa fosse permitido dispor dos mais variados tipos de crenças. Ao estudar a visão sociológica da dicotomia crença x religião, percebe-se um novo olhar, pois “uma crença é algo que se considera existente e verdadeiro, algo em que se pode depositar confiança.”³(Tradução

* Este trabalho é parte integrante da dissertação de Mestrado “Crer, Aprender e Gerir”. Orientador: Prof. Dr. Valério Schaper.

¹ Licenciada em Letras/Português e Pós-Graduada em Literatura Infanto-Juvenil pela Pontifícia Universidade Católica do RGS. Mestranda em Teologia – Área de Religião e Educação pela Escola Superior de Teologia

² “[...] *la adhesión a opiniones, valores o personas independientemente de cualquier verificación empírica.*” PREISWERK, Matthias. *Crer y aprender: antologia*. La Paz: ISEAT, 2004, p. 45.

³ “*Una creencia es algo que se considera existente y verdadero, algo en lo que se puede depositar confianza.*” PREISWERK, 2004, p.45.

nossa). Dessa forma, no mundo secularizado, tem-se, na verdade, a religião como uma forma de crença. Segundo Vigil:

Uma religião é um sistema de mediações; compreende crenças, práticas, constelações de símbolos, normas e comportamentos éticos, sentimentos e estruturas institucionais; e adota uma configuração determinada em povos ou culturas concretas.⁴

Ampliar o conceito de crer em nível sociológico implica retratar a sociedade em que se vive e suas influências na vida de cada cidadão e de cada cidadã nelas inseridos e inseridas.

As interfaces do crer

A sociedade a partir do final do século XX e início do século XXI sofre mudanças radicais ocasionadas pelo mundo global. A tão falada globalização atinge o modo de vida das pessoas, como também as esferas sócio-políticas e econômicas. Nota-se o aumento de comunidades religiosas, de um crescente fervor religioso, não exclusivamente cristão. Entende-se por globalização o momento político-econômico, pois, para Vigil esse “fenômeno sociológico maior é a mundialização”.⁵ Essa nomenclatura permite abranger todas as sociedades numa perspectiva social, política e econômica unívoca. Desta forma, as diferentes culturas e religiões encontram-se sem fronteiras, quanto à coexistência das diferentes expressões religiosas, por outro lado, o diálogo e os intercâmbios continuam delimitadores em seu convívio, o que evidencia um desafio atual.

No contexto brasileiro observa-se que religião e cultura estão intimamente relacionadas, à medida que expressões religiosas proporcionam o lazer, como também formas de cultura perpassam o campo religioso.

Segundo Sanchez, “o conceito cultura designa a diferença específica de cada grupo/povo (identidade).”⁶ No Brasil, as questões de cunho religioso estão tão imbricadas na cultura popular, que dificulta não levá-las em consideração ao analisar as interações sociais do povo brasileiro. Como consequência desse processo, percebe-se uma diminuição pela busca de instituições religiosas, que primam por um rigor doutrinário.

⁴ VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 351-352.

⁵ VIGIL, 2006, p.26

⁶ SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso. As religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 21.

As influências das sociedades mais desenvolvidas, fruto da globalização, acarretam problemas de cunho social, tais como: violência, preconceitos de toda ordem, degradação humana, entre outros, no cotidiano dos brasileiros e das brasileiras. Tais influências também são refletidas no espaço escolar, uma vez que a escola se constitui em um dos espaços do crer.

Vive-se em um mundo plural, entretanto, conviver em meio à diversidade cultural sem conhecer as várias culturas que a permeiam, sob a influência do capitalismo, acaba por gerar um individualismo, muitas vezes, prejudicial às relações de bem viver. “Daí o recurso aos estudos culturais, pois eles partem da necessidade de se superar as visões dicotômicas e dualistas.”⁷ O empoderamento de novas culturas propicia a convivência com o novo, o que tem a contribuir para a valorização da diversidade religiosa e da diversidade cultural.

Segundo Sanchez, “a experiência é decisiva para a nossa compreensão das pessoas, do mundo, da sociedade e da história. [...] A experiência é o lugar fundante desse processo de apropriação do mundo.”⁸ Vivenciar uma diversidade cultural cotidiana influencia cada um e cada uma, mas também os torna e as torna protagonistas da própria cultura, em que o crer está inserido de maneira dinâmica e perpassa todos seus espaços.

Assim como cada indivíduo não vive isoladamente, a cultura também não o faz. Dessa congruência, desenvolve-se a alteridade, processo relevante de reconhecimento do outro e da outra, já das diferenças, emerge a construção da identidade social e individual. Portanto, destaca-se aqui a importância do respeito às diferenças.

No cenário político democrático cria-se a possibilidade de reivindicação dos direitos à diferença, concretizado no pluralismo político. Já na esfera religiosa surge o pluralismo religioso em oposição ao poder único. Essa diversidade permite o estabelecimento de um novo paradigma no campo religioso.

Esse enfoque destaca a religião como produto da espiritualidade inerente aos povos ao longo da História, os quais manifestam suas crenças e suas religiosidades de acordo com sua cultura. Vigil aponta a necessidade de se estabelecer um diferencial entre religião e espiritualidade, para ele, a dimensão da espiritualidade precede a existência da religião, que é uma criação social dos povos em geral. A espiritualidade não só se origina antes da religião, como é parte fundamental para o desenvolvimento da humanidade e contribui para

⁷ RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Pluralismo e Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014, p.40.

⁸ SANCHEZ, 2010, p. 15-16.

o “[...] crescente acúmulo de conhecimento e de experiências culturais, antropológicas e religiosas”.⁹

Bauman conceitua a sociedade em um novo momento, em que os sólidos passam por um processo de liquefação, isto é, de alterações, em que o velho não serve mais. “Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa.”¹⁰ O tempo se faz no presente, no agora, a sociedade está em busca do que lhe traz sentido.

A religiosidade como parte integrante desse processo, também traduz a liquidez da procura, basta observar o trânsito religioso presente na sociedade contemporânea. Esta peregrinação entre uma ou outra expressão religiosa é conceituada como trânsito religioso ou mobilidade religiosa, como maneira de alocar para si uma identidade de fé.

Desde o início do século passado apostava-se na teoria da secularização, acreditava-se que a religião não resistiria aos ataques da modernidade, entretanto, o que ocorre é uma desinstitucionalização, ou seja, não há um abandono da fé, mas sim a perda de uma identidade institucional, o que não caracteriza perda da religiosidade, mas outras formas de vivenciá-la.

Sanchez traduz a modernidade, em uma de suas concepções, “como oposição ao passado medieval”¹¹ com características bem marcantes: “transitoriedade e ruptura.”¹² A modernidade adquire consistência veloz e com isso as normas, as crenças, os padrões são transformados com a mesma velocidade.

O pluralismo religioso é uma face do cenário brasileiro que emerge da sociedade moderna. Wagner Lopes Sanchez descreve o pluralismo da seguinte forma:

O pluralismo religioso é um conceito mais amplo e aponta para as relações sociais entre Estado, sociedade civil e atores religiosos. Isto supõe relações legais, jurídicas e simbólicas que levam à existência de diversos grupos religiosos com possibilidade real de crescimento e expansão. Essas relações são construídas historicamente e buscam evitar um poder religioso único ou dominante que impeça o desenvolvimento de seus concorrentes seja [sic] quais forem estes.¹³

⁹ VIGIL, 2006, p. 350-351.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.8.

¹¹ SANCHEZ, 2010, p. 26.

¹² SANCHEZ, 2010, p. 26.

¹³ SANCHEZ, 2010, p. 52-53.

Isso se deve ao tipo de vida centrada no indivíduo, consequência da pós-modernidade, que procura a religião para suprir suas carências e suas aflições. Desta forma, “gera um modelo ético-flexível onde a medida ética é o indivíduo e suas necessidades.”¹⁴

A sociedade que dantes vivia pela ordem do poder religioso, hoje se assegura através da razão, instituída pela modernidade, na qual rompe com a visão da sacralidade. Isso gera a dissolução de uma única verdade determinada por uma hegemonia religiosa, há uma gama de maneiras “de encarar a verdade e o sentido da vida.”¹⁵ Verifica-se um protagonismo da fé na busca por uma identidade religiosa.

Outro aspecto interessante a ser salientado é que apesar da religião ter perdido espaço no âmbito institucional, obteve ganho em visibilidade pública. Aqui reside um aspecto fundamental, na medida em que se determina o papel da religião no cotidiano da vida. A palavra religião atende a mais de um significado, dentre eles: religare, tem por base etimológica o latim, que se traduz por religação, uma forma de experiência com o transcendente. Outra expressão, relegere, um conceito mais atual devido às mudanças impostas pelo mundo contemporâneo. Entende-se que esta denominação “tem sido apresentada como uma realidade antropológica-social”¹⁶, pois concebe a ideia de uma reflexão sobre as apreensões do ser humano.

O teólogo Hans Küng contribui com a ideia que “padrões globais”¹⁷ são necessários para o caminhar da modernidade em direção ao futuro. O autor propõe uma visão articulada em que a dimensão humana é a centralidade de todo critério.

Nesse contexto, faz-se importante a discussão sobre como resgatar o lado humano da sociedade “capaz de devolver ao homem seu lugar central no universo”.¹⁸ Aqui transparece um ponto crucial para sociedades latinas: “da perda gradativa dos valores do humanismo latino.”¹⁹ Pode-se através desse humanismo proporcionar uma reflexão ética e

¹⁴ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo, ALVES, Luiz Alberto Sousa. O ensino religioso em um contexto pluralista. *Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião. Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, ano XVII, n.25, p.65-82, 2003.

¹⁵ SANCHEZ, 2010, p. 111.

¹⁶ SCHOCK, Marlon Leandro, KLEIN, Remí. A religiosidade humana. In: WACHS. Manfredo Carlos, FUCHS, Luiz Henri, BRANDENBURG, Laude Erandi, KLEIN, Remí (Org). *Práxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007, p.234.

¹⁷ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 54.

¹⁸ PAVIANI, Jayme. O Humanismo Latino no processo de globalização. In: PAVIANI, Jayme, DAL RI JUNIOR, Arno. *Globalização e Humanismo Latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.p.26.

¹⁹ PAVIANI, 2000, p.26.

cultural, que possibilite sua perpetuação para as sociedades, principalmente, as latinas. Define-se humanismo, segundo Jayme Paviani: “[...] uma concepção do humano como centro da vida, das relações de produção e de comunicação, das relações entre os indivíduos e as sociedades”.²⁰

Atualmente, as relações sociais sofrem por não levar em conta a dimensão humana, extrapola-se um individualismo exigente. No entanto, a contínua procura “por justiça social, pela construção da paz e da cidadania, e por relações interpessoais mais amorosas apontam para sua inquietante busca de sentido e realização.”²¹

Considerações Finais

A sociedade atual vive uma consistência líquida, o que gera uma gama de incertezas e reflete um contexto em que o indivíduo procura respostas aos seus problemas e as suas necessidades através da religiosidade. Existe um protagonismo religioso, que se caracteriza pela busca de uma identidade, muitas vezes, evidenciada pelo trânsito religioso. Esta constatação demonstra o cenário brasileiro constituído por um pluralismo, no qual a sociedade atribui uma dupla ou tripla pertença religiosa. Identifica-se uma crise em que a busca pelo sentido da vida torna-se uma constante. Esta inquietação também se manifesta nos diferentes espaços sociais, tais como a escola.

A sociedade se apresenta em um universo na qual a diversidade religiosa e a diversidade cultural se impõem e coexistem, por outro lado, o diálogo e os intercâmbios continuam delimitadores em seu convívio, o que evidencia um desafio atual.

A escola representa, através da educação, a possibilidade para o diálogo com vistas a minimizar a intolerância e a violência instalada pela globalização, processo no qual as diferenças acabam padronizadas, e o ser diferente implica restrição e exclusão.

Faz-se necessário e urgente o resgate da dimensão humana para uma convivência efetiva, em que o princípio norteador ético seja do cuidado humano como uma proposta de respeito às particularidades de cada cultura, com intuito de possibilitar a coexistência em um mundo globalizado.

²⁰ PAVIANI, 2000, p.27.

²¹ PANASIEWICZ, Roberlei. As múltiplas dimensões do ser humano. IN: SANCHEZ, Wagner Lopes, BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Teologia e Sociedade: relações, dimensões e valores éticos*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.20.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo, ALVES, Luiz Alberto Sousa. O ensino religioso em um contexto pluralista. *Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião. Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, ano XVII, n.25, p.65-82, 2003.

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de, DE MORI, Geraldo (Orgs). *Mobilidade religiosa: linguagens, juventude, política*. São Paulo: Paulinas, 2012.

PANASIEWICZ, Roberlei. As múltiplas dimensões do ser humano. In: SANCHEZ, Wagner Lopes, BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Teologia e Sociedade: relações, dimensões e valores éticos*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 15-28.

PAVIANI, Jayme. O Humanismo Latino no processo de globalização. In: PAVIANI, Jayme, DAL RI JUNIOR, Arno. *Globalização e Humanismo Latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.25-38.

PREISWERK, Matthias. *Creer y aprender: antologia*. La Paz: ISEAT, 2004, p.45-51.

REBLIN, Iuri Andréas, SINNER, Rudolf von (Orgs). *Religião e Sociedade: Desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2012.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Pluralismo e Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso. As religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2010.

SCHOCK, Marlon Leandro, KLEIN, Remí. A religiosidade humana. In: WACHS. Manfredo Carlos, FUCHS, Luiz Henri, BRANDENBURG, Laude Erandi, KLEIN, Remí (Org). *Práxis do Ensino Religioso na Escola*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007, p.230-237.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.